



**IV CINTEDI**

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

# CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES SOCIAIS E PEDAGÓGICAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Luiz Eduardo Vieira da Silva <sup>1</sup>  
Maria Dolores Fortes Alves <sup>2</sup>

## RESUMO

Neste artigo que teve como objetivo investigar como os esportes coletivos e jogos cooperativos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais e pedagógicas em crianças com Transtorno do Espectro Autista, apresento questionamentos de como os jogos cooperativos e esportes coletivos podem ser metodologias a serem utilizadas para estimular o desenvolvimento dessas crianças. Em uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico (GODOY, 1995). Utilizou-se os estudos de pensadores clássicos como Piaget (1998), bem como, pensadores contemporâneos, a exemplo de Cunha (2018; 2019), Alves (2016), que por meio de suas pesquisas abordam a temática discutida nesta pesquisa, e tentam fazer a diferença no modelo de Educação Inclusiva atual. Os resultados da pesquisa demonstraram que a socialização é uma das principais áreas de déficit em crianças como autismo, logo os professores podem ficar angustiados e confusos acerca de qual metodologia e estratégias de ensino podem ser utilizadas para desenvolver as habilidades sociais das crianças, neste sentido, os resultados observados é que os jogos cooperativos e esportes coletivos podem estimular essa inserção no meio social, contribuindo para a sua comunicação e conseqüentemente em sua aprendizagem, já que sua autoestima e seu conhecimento como sujeito que pertence ao grupo vão favorecer no processo da aquisição pedagógica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo. Aprendizagem. Desenvolvimento. Esportes. Inclusão.

## INTRODUÇÃO

Ao longo de minha carreira acadêmica na graduação, sempre precisei me adequar a rotina de trabalhar com crianças com necessidades específicas (em sua grande parte autistas) no turno contrário, pois atuava principalmente na Educação Infantil e Fundamental I. Durante o processo pude conhecer um pouco mais a realidade de cada criança para que pudesse estimular o seu desenvolvimento. Percebi que as brincadeiras mais comuns no cotidiano das crianças podem servir de instrumento para favorecer o seu desenvolvimento e inclusão no ambiente escolar. Acredito que o mesmo se dava a partir dos jogos cooperativos e esportes coletivos proporcionados nos momentos da aula de Educação Física.

<sup>1</sup> Graduado no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Pós-graduando em Ensino, Linguagem e Pluriletramento pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, luiz.eeduardo@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, mdfortes@gmail.com;



Com a hipótese de que essas atividades quando bem instruídas e adaptadas para a realidade de cada criança podem favorecer o engrandecimento de habilidades sociais e pedagógicas em crianças com autismo, comecei a me questionar como os jogos cooperativos e esportes coletivos podem favorecer neste desenvolvimento. Objeto de pesquisa este, que acabou dando origem a este trabalho de conclusão de curso.

Discutir e pesquisar sobre a Educação Especial e Inclusiva não era meu foco quando ingressei no curso de pedagogia no segundo semestre do ano de 2015. Na verdade, ser professor não era meu objetivo, mas cursar pedagogia foi uma oportunidade que surgiu e então decidi desfrutar dessa experiência.

No segundo período da graduação tive a oportunidade de realizar um estágio como assistente pedagógico de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no Ensino Fundamental I, em uma escola privada na parte baixa da cidade de Maceió. Ao observar o desinteresse dos professores em desenvolver metodologias que atendessem as especificidades das crianças, percebi a necessidade de buscar conhecimento acerca da educação especial para incluir as crianças com TEA no ensino regular.

Dentro do Espectro Autista, existe uma enorme variedade de graus, sendo assim, não existe um autista igual, a metodologia ou ensino que foi útil para um, pode não ser para outro, desta maneira, é essencial a adaptação de um currículo que busque atender as necessidades do aluno. Conforme enfatizado por Gadia *et al* (2004) alguns teóricos costumam dividir este imenso espectro em três grupos: Leve (demandam de nenhuma/ pouca ajuda para realizar suas atividades diárias), moderado (precisam de uma assistência moderada para atividades diárias), severo (necessário ajuda total e ter sempre alguém por perto para realizar as atividades diárias).

Embora a pesquisa esteja relacionada a crianças com autismo tenha despertado o meu interesse em desenvolver tal artigo, as práticas esportivas e jogos de participação mútua entre os participantes apresentam-se como ferramentas que podem contribuir para o desenvolvimento social desses sujeitos, acreditamos que isso ocorra pois, se tratam de modalidades coletivas, bem como podem relacionar-se a questões voltadas para a educação especial, pois valoriza a confiança do sujeito, ajudando em seu desenvolvimento pedagógico.

Desde criança, sempre fui incentivado por meu pai e meus irmãos a acompanhar o futebol, sendo assim, construí um sentimento de afeto e apreço. Acompanho as partidas regularmente seja pela televisão ou frequentando o estádio de futebol, sempre que possível. Em uma dessas idas ao estádio, presenciei uma cena não tão comum em espaços públicos: um casal



acompanhado por seu filho que estava com a identificação de autismo em sua bolsa e pulseira, estava presente no estádio, de certa forma, aquela imagem me chamou a atenção, já que as crianças pelas quais eu conhecia tinham uma sensibilidade auditiva e não suportariam aquele ambiente por muito tempo.

Ao conversar com seu pai, ele relatou que quando se arrumava para ir ao estádio a própria criança também pedia para ir junto com ele. Segundo o pai, o ambiente fazia muito bem para a criança e que aquele era um dos poucos espaços em que seu filho realmente estava incluído. Perguntei como era sua relação com os amigos e os professores na escola, bem como seu desenvolvimento pedagógico, e ele contou que sua comunicação e a maneira de se relacionar se dava de forma tranquila, já que o grau era leve, mas que havia algumas dificuldades em relação a aprendizagem por conta das adaptações e formação dos professores. Acrescentou ainda que ao matriculá-lo em uma escola de futebol sua relação social e comunicação tem melhorado, e na escola tem se mantido mais concentrado e disposto a novas atividades.

As crianças com TEA podem ser beneficiadas através de diversas modalidades esportivas e atividades físicas, levando em consideração as aprendizagens sensorio-motoras, socialização e comunicação. Podendo contribuir também para êxito na aprendizagem devido a melhora em sua motivação e confiança (MASSION, 2006).

Ao realizar a leitura do livro “Mentes únicas” (BRITES, 2019), pude refletir sobre a necessidade de explorar as habilidades de uma pessoa com autismo, impulsionando dessa forma o seu potencial. Logo, precisamos nos adequar a realidade da criança, para que em seguida, possamos ensinar o que é colocado como padrão nas escolas de ensino regular. Para chegar neste ponto, é preciso preencher algumas lacunas que se encontram com déficits e que são primordiais para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Os professores precisam estar atentos sobre essas demandas para atender esse público.

Conforme abordado por Ghedin e Franco (2011) que observam a educação como uma prática social do ser humano, processo inconclusivo que nasce da relação do homem com o mundo, história e a sua presente circunstância. Desta maneira, realizando uma abordagem crítica perante aqueles que engessam suas práticas pedagógicas, não levando em consideração as mudanças recorrentes na sociedade.

Entendendo a Educação como parte do processo histórico que vem acompanhando as modificações dos sujeitos e conseqüentemente da sociedade e contexto em que estão inseridos, além da capacidade de transformar as relações entre esses sujeitos, acredito que a melhor maneira é estudar este indivíduo em sua singularidade para estimular as suas potencialidades.



Neste sentido, é imprescindível compreender e visualizar o indivíduo como parte de um contexto, porém, enfatizando a sua singularidade. Ainda sobre a ênfase de Ghedin e Franco (2011, p.40), é possível perceber que,

Cabe a ciência da educação reconhecer que, ao lado das características observáveis do fenômeno, existe um processo de transformação subjetivo, que não apenas modifica as representações dos envolvidos, mas também engendra uma ressignificação na interpretação do fenômeno vivido [...]

Buscando compreender como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem ser metodologias utilizadas para favorecer o desenvolvimento de uma criança com TEA, a pergunta central da pesquisa é: *como os esportes coletivos e jogos cooperativos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais e pedagógicas em crianças com Transtorno do Espectro Autista?* Pergunta esta que se configura como objetivo específico da investigação, e que para respondê-la delimito como *objetivos específicos*:

- a) Refletir como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem favorecer a interação social e pedagógica da criança autista;
- b) Apresentar contribuições de como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem contribuir para o desenvolvimento pedagógico de uma criança autista dentro da sala de aula;
- c) Demonstrar a importância de como os esportes coletivos e os jogos cooperativos podem ajudar no desenvolvimento cognitivo de uma criança autista;

## **METODOLOGIA**

A partir da revisão de literatura que se baseia em uma análise acerca dos estudos e intervenções que estão relacionados ao desenvolvimento social e pedagógico em crianças com autismo, tendo como base os jogos cooperativos e esportes coletivos.

Tomando como base o método selecionado podemos analisar e refletir sobre o cenário como um todo, compreendendo o contexto e o que se é discutido, interpretando os processos de desenvolvimento das crianças autistas quanto ao social e pedagógico, bem como os profissionais que são os professores que assumem o papel de mediador das atividades em diferentes situações. Ressaltando que estamos postos ao estudo das relações que visam atender as necessidades da criança.

Esta pesquisa pauta-se metodologicamente em uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, considerando, de acordo com Godoy (1995),



**IV CINTEDI**

EDIÇÃO DIGITAL

10, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

Que a abordagem qualitativa, enquanto no exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Buscando compreender o que é o TEA e como ocorre o seu desenvolvimento, além dos meios de intervenção que podem proporcionar o seu desenvolvimento e aprendizagem, e como os esportes coletivos e cooperativos podem favorecer no processo de avanços sociais e pedagógicos, foram elencados como aporte teórico os seguintes autores: Piaget (1998), Cunha (2018; 2019), Alves (2016), Brotto (1999; 2001), Blockus (2007), Charke (2009), dentre outros.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

### IDENTIFICANDO O AUTISMO

Crianças com autismo geralmente nascem com o cognitivo afetado principalmente na interação social, comunicação e o comportamento. Nessa perspectiva é apresentado por Nascimento e Monteiro (2015), a abordagem desenvolvimentista e a construção da interação social que busca refletir acerca do desenvolvimento psicológico e conhecer a dimensão desses processos no ambiente escolar, tendo em vista o desenvolvimento da criança autista, sendo possível compreender o comprometimento das habilidades cognitivas que afeta diretamente seu desempenho.

Embora as causas do autismo ainda sejam desconhecidas, temos ciência que este transtorno apresenta os sintomas nos primeiros anos de vida, e acompanha o indivíduo durante toda a sua vida. Conforme ressalta Cunha (2019, p.19),

O Transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grandes contribuições de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes.

Desta maneira, pode-se compreender que o Autismo é um transtorno ainda inconclusivo e complexo causando um neurodesenvolvimento atípico nas relações sociais e comportamentais, apresentando diferentes graus de severidade, o que nos compete encarar cada autista perante suas singularidades e peculiaridades.





Considerando de grande importância a interação social para o desenvolvimento humano, é notório que na criança com autismo esse processo acontece de forma gradativa, sendo um dos pontos que mais interferem no seu desenvolvimento. Nesse contexto, a relevância dos aspectos sociais da interação para o processo de aquisição da linguagem é indiscutível, tendo em vista que o desenvolvimento da comunicação é fundamentalmente interacional.

As dificuldades de comunicação podem intercalar no processo de aquisição, podendo os autistas serem verbais ou não, além de precariedade em compartilhar informações de contato visual, dificuldade de entendimento de gestos e linguagens simbólicas ou corporais. Algumas crianças suprem as suas necessidades apontando ou utilizando algum adulto para se obter o que deseja, ecolalia ou por meio de comportamentos diversos. (GADIA *et al*, 2004).

Ao se comunicar devemos estar cientes que devemos ter um olho sensível e diferente para aquela criança, como destacado,

Quando falamos do mundo autístico, reconhecemos as dificuldades na comunicação e na linguagem. É natural que alguns com a síndrome não se atentem para a necessidade social de expressar-se, mas isso não significa que não sejam sensíveis e não procurem comunicar-se por outra via: a via afetiva (CUNHA, 2019, p. 78).

A presença de estereotípias<sup>3</sup> e de movimento repetitivos e obsessivos podem estar presentes no cotidiano de uma criança com autismo, tendo em vista que muitas utilizam deste mecanismo para autorregular e se desfazer das pressões externas que são submetidas a elas, como por exemplo ruídos sonoros e atividades complexas que foram realizadas.

Apego a rotina podem desencadear comportamentos inadequados, já que as crianças com autismo têm dificuldade com atrasos ou mudanças repentinas em suas atividades diárias. Entre outros exemplos a serem destacados, pode ser observado em geral sensibilidade sonora e ruídos, bem como comer o mesmo alimento dia após dia, organizar ou enfileirar brinquedos e objetos por cores e tamanhos (GADIA *et al*, 2004).

O diagnóstico de autismo costuma primeiramente causar uma mudança nos planos e na rotina da família. Muitas vezes o diagnóstico desconstrói uma idealização do (a) filho (a) perfeito (a), pois a insegurança costuma andar ao lado dos parentes no processo de aceitação da condição. Posteriormente, a família começa a olhar para a criança além do diagnóstico, começa a surgir um novo horizonte perpassando por profissionais capacitados que formam uma equipe multidisciplinar e promovem uma nova realidade para a vida da criança, superando obstáculos e alcançando objetivos vez após vez. Neste sentido,

---

<sup>3</sup> Comportamento caracterizado por ações repetitivas e ritualistas de grande interesse da criança que haja um objetivo ou finalidade (GADIA *et al*, 2004).



Não se trata meramente de estipular tarefas isoladas e pedir para serem cumpridas com rigor e método, mas trata-se de uma concepção de aprendizagem que inclui desafios e superação, sempre com o intuito de propiciar a autonomia. A autonomia é uma conquista elementar no seio da escola (CUNHA, 2019, p. 57).

O diagnóstico de autismo deve ser elaborado com muito cuidado e requisitos bem precisos, através de uma abordagem com profissionais de diversas áreas com escalas que busquem se atentar a testes objetivos e padronizadas com a intenção de submeter a criança a procedimentos eficazes e específicos que buscam preencher os déficits causados pelo transtorno.

## AS CONTRIBUIÇÕES DOS JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

O desenvolvimento da motricidade do ser humano, bem como a sua capacidade de se desenvolver socialmente ocorre desde o nascimento e perdura ao longo de sua trajetória terrestre. Quando criança, uma das principais maneiras de perceber o nosso corpo no espaço é através das brincadeiras, pois elas constituem de maneira bem significativa momentos que estimulam nossa interação social. Por meio das atividades adquiridas e da manipulação de objetos que estão presentes em nosso cotidiano, nos ajudam a elaborar o pensamento simbólico<sup>4</sup>, pensamento este, comprometido em crianças com autismo.

As relações sociais estimuladas pelo exercício físico são de fundamental importância em nosso desenvolvimento cognitivo de maneira integrada, ou seja, maneira completa. Aprender a se movimentar no espaço e interpretar situações diárias é uma ótima forma de aprendizagem social e pedagógica. De acordo com Cunha (2018, p.51),

[...] é necessário que cada aluno inspire-se em determinado ambiente cultural para constituir-se como pessoa. O seu desenvolvimento condiciona-se a essa influência. Quanto maior for a interação, maiores serão as possibilidades de aprendizagem.

Compreende-se que crianças com autismo apresentam grandes dificuldades de interação e socialização, conforme enfatizado no tópico anterior onde identificamos características marcantes do autismo, o que posteriormente pode influenciar em defasagem no

---

<sup>4</sup> Processo de representação mental em que o indivíduo analisa um modelo concreto e formula estratégias para solucionar o problema (PIAGET, 1998).



desenvolvimento motor fino, refletindo na aprendizagem, como no comprometimento em segurar um lápis e realizar o movimento de escrita. Dessa forma, é relevante compreender que:

Para a coordenação global, poderão ser exploradas atividades lúdicas de educação Física que exercitem o equilíbrio, o manejo de objetos, com movimentos coordenados do corpo (CUNHA, 2018, p. 44).

Os jogos em cooperação e as atividades esportivas e físicas podem trazer benefícios para crianças com autismo, pois a partir de suas conquistas, podem se sentir mais confiantes ao realizar atividades novas e complexas. As atividades esportivas podem desenvolver um melhor conhecimento do indivíduo perante o seu corpo e uma melhor relação com o ambiente externo. Favorecendo uma melhor interação social com seus colegas de equipe e uma melhor comunicação, seja verbal ou não-verbal. (MASSION, 2006).

## JOGOS COOPERATIVOS E ESPORTES COLETIVOS

Conforme proposto por Orlick (1989), os jogos cooperativos são uma atividade física onde o objetivo principal se concentra na cooperação, diversão, envolvimento e aceitação, possuindo uma característica de mudar situações que retratem a exclusão e a seletividade.

Seria este o cenário ideal para a inclusão de crianças com autismo como uma maneira de integração, já que a partir da observação, iria modelar comportamentos semelhantes aos demais e participar de todo o processo do jogo. Nesta modalidade de jogo são preservadas novas formas de relacionamento, pois jogar com o outro, se torna melhor e mais interessante do que jogar contra o outro, denominando-se desta forma de adversário.

Como enfatiza Brotto (2001), as características dos jogos cooperativos são para superar os desafios em grupo e não para derrotar o oponente. O jogo se joga por prazer e diversão, os esforços coletivos e a colaboração de todos são necessários para a conquista coletiva.

Brotto (1999) indica a necessidade de haver uma mudança acerca de como os jogos são realizados, para que tenhamos um ambiente menos competitivo e de exclusão, pautando-se somente nos interesses individuais ou de um determinado grupo, dessa forma, “caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação” (1999, p.3).

Em relação às reflexões envolvendo competição e cooperação, Brotto (1999) nos remete a interpretação de que a competição é um processo que desencadeia objetivos exclusivos e ações isoladas que submetem e colocam as equipes em oposição entre si, além de privilégios





destinados para alguns participantes. Na cooperação os objetivos são mútuos, assim como seus interesses e benefícios distribuídos entre os integrantes do grupo.

Conforme ressalta Brotto (1999, p.77) os jogos cooperativos se caracterizam pelos:

[...] jogos de compartilhar, unir as pessoas, despertar coragem para assumir riscos com pouca preocupação com o fracasso e sucesso em si mesmos. Eles reforçam a confiança em si mesmo e nos outros e todos podem participar autenticamente, onde ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo.

Desta maneira os jogos cooperativos possuem um caráter de diversão, onde as gargalhadas dos integrantes fazem parte do desenvolvimento e envolvimento do corpo e da alma dos que participam da atividade, promovendo um ambiente saudável para a inclusão.

Segue abaixo alguns exemplos de jogos cooperativos e seus benefícios:

- Passar o bambolê – Estimula a coordenação motora, capacidade de concentração, habilidade de pensar e resolução de problemas;
- Nó humano - Cooperação entre si e forma espontânea do espaço físico;
- Cabo de guerra – Estimulam a força e rapidez do movimento de cooperação;
- Dança – Estimulam o controle do corpo e domínio do espaço físico;

Ao pesquisar teóricos que abrangem os esportes coletivos com a inserção de crianças com autismo em suas pesquisas verificou-se que poucos tratam desta temática, embora alguns estudos realizados por Charke (2009) e Blockus (2007) considerem o futebol como uma modalidade esportiva que possa favorecer o desenvolvimento de crianças com autismo, claro que em um ambiente que tenha como objetivo o desenvolvimento social e um ambiente que não seja de competição.

Os autores enfatizam que devido à complexidade do esporte, as crianças apresentaram dificuldade em se adaptar a dinâmica do jogo, mas que com o passar do tempo, o engajamento de alunos e professores puderam desenvolver habilidades de dribles, que se trata de conduzir a bola através dos cones que eram utilizados como obstáculos. Desta maneira, houve avanços significativos na área da comunicação e trabalho em grupo. Ressaltando ainda um maior engajamento entre a família das crianças que os apoiavam e acompanhavam durante a realização dos jogos e treinos.

Alguns outros esportes coletivos também podem fazer parte do processo de estimulação social e de comunicação, como o voleibol, handebol, queimado e futsal. Através das atividades cooperativas e esportivas as crianças com deficiência podem desenvolver sua autoestima e lidar

de maneira mais adequada com frustrações e desafios ao longo de sua vida acadêmica e pessoal (MASSION, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão de uma criança com autismo no ambiente escolar nos demanda uma compreensão acerca de suas características sociais, cognitivas de comunicação, e como vamos estimular para alcançarmos os resultados esperados. O afeto é a porta de entrada para proporcionarmos uma educação libertadora, rompendo os paradigmas dos rótulos tradicionais e efetivando uma aprendizagem significativa.

Os jogos cooperativos e esportes coletivos são importantes para o desenvolvimento de crianças com autismo pois proporcionam uma experiência importante. Através de seu contexto, propiciando um ambiente social de interação entre pares, estimulando a comunicação e realizando parte da dinâmica das atividades, as crianças com autismo certamente estarão sendo incluídas, ao se observar na atividade junto com os demais irão desenvolver autoestima e confiança o que irá refletir de forma significativa em seu processo de aprendizagem e aquisição de novas habilidades.

Promover estratégias de ensino que proporcionem um ambiente agradável, o relacionamento com seus amigos, bem como as trocas de informações verbais e corporais no decorrer dos exercícios podem evidenciar como está ocorrendo o desenvolvimento. As estratégias de jogo podem ser transferidas para estratégias de ensino, contribuindo para a compreensão dos recursos didáticos em sala de aula.

Desse modo, os jogos e esportes destacados no presente artigo podem favorecer para o desenvolvimento das habilidades sociais em crianças com autismo, que posteriormente tendem a favorecer o estímulo e desenvolvimento em áreas de comunicação e aprendizagem. A partir do planejamento e conhecimento acerca do aluno, os resultados certamente irão acontecer de forma significativa, natural e prazerosa para os envolvidos no contexto.

As atividades em cooperação e atividades coletivas quando adaptados de forma eficiente e planejadas para atender as necessidades de crianças com autismo, podem favorecer para o processo de inserção das crianças não somente no contexto escolar, quanto fora da escola, sendo fundamental para combater o processo de exclusão.

Alves (2016) nos remete ao cenário em que as estratégias de ensino sejam conservadas com base na razão, imaginação, colaboração e por todas as pessoas de maneira multidimensional e multirreferencial, fazendo a sua participação interativa e completando para



o conjunto da obra, o fazendo sentir parte do ser coletivo que completa o grupo por meio de sua singularidade e diferença.

A escola é um espaço que deve acolher não somente aos alunos, como também as famílias, servir de orientação para que o trabalho realizado na escola, ultrapasse seus muros, favorecendo o processo de inclusão nos mais diversos espaços. A escola é passageira, mas as suas contribuições são eternizadas na vida daqueles que são influenciados pelos seus aprendentes e aprendizes. “Professores dedicados, que não se negam a ter desafios, são imperativos para os pais” (CUNHA, 2019).

É essencial que dia após dia possamos despertar em nossos alunos o interesse pelo conhecimento e possam respeitar e valorizar as diferenças que frequentemente vão se deparar na sociedade.

A escola é um lugar apropriado para qualquer aluno desenvolver suas habilidades e superar seus limites. É um rico espaço que possibilita o aprendizado por meio da interação e do interesse (CUNHA, 2019, p. 113).

Aproveitar esse espaço é fazer um diálogo com o mundo externo, compreendendo que a partir das atividades diárias, poderemos contribuir para uma sociedade igualitária, derrubando os muros que foram cercados com preconceito e intolerância ao longo de todos esses anos, que ainda hoje tem reflexo no contexto social atual.

Alves (2016) diz que não podemos rejeitar a beleza que se caracteriza através das diferenças dos sujeitos. O mundo em que se é observado pelas diferentes dimensões de viver a vida e ver o mundo, nos possibilita viver com amor, solidariedade, cooperação e crescimento a partir das diferenças que nos fazem únicos em um universo tão vasto.

No mais, referindo-se aos jogos cooperativos e esportes coletivos, além das características das crianças com autismo são bem vastos quanto as suas peculiaridades e dimensões, não cabendo conceitos já estabelecidos e concretizados. Os frutos desta colheita só serão colhidos a partir de um olhar individual perante o sujeito, respeitando suas características e a atuação de profissionais dedicados e preparados a realizar o contato com as crianças.

ALVES, M. D. F. ALVES. **Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas: autoconhecimento e motivação.** Rio de Janeiro, WAK, 2016.

BLOCKUS, G.R. A special goal: Local Top Soccer program gives autistic children a chance to participate in sports. **Morning Call**, C1, Apr 30, 2007, Tribune Publishing Company LLC, Allentown, PA.

BRITES, L. **Mentes únicas/** Luciana Brites, Clay Brites – São Paulo: Editora Gente, 2019.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Campinas, SP: [s.n.], 1999.

BROTTO, F. O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, SP: projeto cooperação, 2001.

CHARKE, K. Benefits of child's play unexpected: Team sport is made accessible for kids who have autism. **Nanaimo Daily News**, A5, 18 mar 2009.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** -8. ed. – Rio de Janeiro: wak Ed., 2019.

CUNHA, E. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade** -7. ed. – Rio de Janeiro: wak Ed., 2018.

CUNHA, E. **Educação na família e na escola: tecnologias, inclusão e ensino; prefácio Marta relvas.** Rio de Janeiro: wak Ed., 2019.

GADIA, C.A.; Tuchman, R.; Rotta, N.T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.2, 2004.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Novos sentidos para a ciência.** Questões de método na construção da pesquisa em educação. 2ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GODOY, A. S. **pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** São Paulo, v.35, n.3, p, 20-29, 1995.

MASSION, J. Sport et autism. **Science & Sports**, v. 21, p. 243-248, 2006.

NASCIMENTO, F. F., & Cruz, M. L. R. M. (2015). **Da realidade à inclusão: uma investigação acerca da aprendizagem e do desenvolvimento do/a aluno/a com transtornos do espectro autista – TEA nas séries iniciais do I segmento do ensino fundamental.** Revista Polyphonia, 25(2), 375- 390.

ORLICK, T. **Vencendo a competição.** São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagens e representação.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.